

O mito e o mito da *Kalevala*

Carolina Alves Magaldi*

RESUMO: Análise dos paratextos presentes na primeira tradução brasileira do épico finlandês *Kalevala* com o objetivo de problematizar os conceitos acadêmicos e culturais que circundam a epopéia, com particular ênfase para as noções de autoria e ancestralidade do poema.

Palavras-chave: *Kalevala*; Tradução; Edição brasileira; Romantismo

O presente artigo ilustra parte da discussão que resultará em tese de doutoramento, centrada nas traduções de dois textos mitológicos, o *Popol Vuh* mesoamericano e a *Kalevala* finlandesa.

Um período recente de pesquisa na Finlândia possibilitou comparar três posturas acerca da *Kalevala*, épico nacional do país: a postura construída pela literatura estrangeira, aquela moldada pela bibliografia finlandesa acerca do poema e finalmente aquela construída cultural e cotidianamente em seu país de origem.

Neste momento almejamos analisar os prefácios da primeira tradução da *Kalevala* para o português brasileiro, com o objetivo de contrastar a posição acadêmica e a postura lendária que circundam a epopéia.

Para tal, precisamos destacar alguns dados sobre a *Kalevala*. Publicada pela primeira vez em 1835, ela foi resultado do trabalho de Elias Lönnrot, médico e pesquisador de folclore que coletou poemas, canções e encantamentos populares na região da Carélia, hoje pertencente à Rússia.

Os textos coletados foram então editados e combinados a outros de autoria de Lönnrot de forma a constituir uma imensa narrativa centrada nas peripécias dos magos Vainamoinen, Ilmarinen e Lemminkäinen, que criam um objeto de extremo poder e mais tarde percorrem toda a Finlândia com a intenção de destruí-lo.

O impacto da publicação da *Kalevala* foi tão planejado quanto intenso. Trata-se da primeira obra literária publicada em língua finlandesa, tendo a academia literária da região sido fundada para possibilitar a tessitura, publicação e divulgação do épico. Em última instância o poema fundamentou a simbologia nacional finlandesa.

* Doutoranda pelo PPG-Letras – Estudos Literários da Universidade federal de Juiz de Fora

A importância cultural, social e política da epopéia somente pode ser compreendida por meio de um breve detalhamento do contexto histórico de sua publicação.

A Finlândia foi um território anexado à coroa sueca até meados do século XVIII, quando foi cedido à Rússia. Tal mudança de controle político se deu por conta de Napoleão, que queria pressionar os suecos a ingressarem no boicote à Grã Bretanha, sem necessitar entrar em conflito direto com tal monarquia. O imperador francês, dessa forma, pressionou o czar russo Alexandre I a anexar a Finlândia como forma de pressionar os suecos e demonstrar a extensão de suas alianças.

A falta de interesse dos russos no território finlandês, combinada à filosofia liberal de governo de Alexandre I, levaram a Finlândia a uma autonomia política nunca antes experimentada, com direito até mesmo a um parlamento próprio.

Esse contexto levou a um cenário de protonacionalismo, no qual os finlandeses buscavam fundamentar uma existência cultural que justificasse sua existência política. Nesse momento se deu uma revitalização da língua finlandesa, que chegava pela primeira vez aos meios escritos e impressos por meio de gramáticas e dicionários, um deles elaborado pelo próprio Elias Lonnrot.

A Sociedade Literária Finlandesa é criada com o objetivo de gerar um épico nacional. O interesse por um épico derivado de canções e poemas populares reflete os ideais Românticos de Herder e a tradição nórdica da qual a Finlândia buscava fazer parte.

Dessa forma, as teorias de Johann Gottfried Von Herder se fazem sentir por o historiador alemão do *Sturm und Drang* redefiniu o mapa literário europeu ao argumentar que a riqueza de uma cultura nacional seria determinada pela autenticidade de sua cultura popular, dando a localidades periféricas européias a chance de uma existência político cultural. O meio mais recorrente de se trazer as idéias de Herder para a prática artística e cultural se dava pelo registro escrito de narrativas e poemas orais.

A nova definição que ele (Herder) propõe tanto da língua – “espelho do povo” – quanto da literatura – “a língua é reservatório e conteúdo da literatura”, como escreve já em seus *Fragments* de 1767 –, antagônica à definição aristocrática francesa predominante, revoluciona a noção de legitimidade literária e conseqüentemente as regras do jogo literário internacional. Ela supõe que o próprio povo sirva de conservatório e de matriz literários, e portanto que se pudesse a partir de então avaliar a “grandeza” de uma literatura pela importância ou pela “autenticidade” de suas tradições populares. (CASANOVA, 2002, p. 102-3)

Soma-se a esse contexto o fato de os países nórdicos europeus terem uma longa tradição de registro escrito sagas épicas, processo iniciado na Islândia ainda no século XI, fato que explica a necessidade de se organizar os poemas coletados na forma de epopéia.

Hoje há na Finlândia um feriado nacional dedicado à *Kalevala*, imagens inspiradas no poema em prédios de universidades federais, tais como a Universidade de Turku, estátuas de Lönnrot em prédios e campi universitários, além de museus e centros culturais dedicados somente à epopéia e às suas reconstruções na música e nas artes plásticas.

A *Kalevala* já foi traduzida para mais de 50 línguas, incluindo o japonês, o hebraico e o vietnamita e a última língua oficial de um país da União Européia a ter uma tradução do épico é o português.

Uma versão em português de Portugal foi publicada em 2008, obra de Orlando Moreira e a primeira reescrita brasileira foi publicada em 2009, tendo ficado a cargo de José Bizerril, especialista em contexto finlandês e na relação entre oralidade e escrita e do poeta e músico Álvaro Faleiros.

A edição, que contém somente o primeiro dos cinquenta cantos da epopéia conta com uma introdução de Bizerril, um posfácio de Faleiros e ainda um prefácio de Raisa Ojala, socióloga graduada pela Universidade de Helsinque.

A apresentação de Ojala contrasta com os textos teóricos dos tradutores em dois pontos fundamentais: o da autoria e da antiguidade dos poemas. Essas questões nos servirão para discutir a imagem lendária a partir do épico.

Ojala refere-se à *Kalevala* como “cinquenta poemas tradicionais, coletado por Lönnrot” (LÖNNROT, 2009: 09), essa posição é problematizada por Bizerril, algumas páginas mais tarde. Primeiramente, o tradutor inicia sua introdução apresentando a *Kalevala* como uma “construção autoral de Lönnrot” (LÖNNROT, 2009, p. 13), posição esta mais direta do que os perfis de compilador ou mesmo de editor apresentados nas traduções mais antigas do épico.

Lönnrot, de fato, compôs somente cerca de três por cento dos versos da epopéia. Tais adições, entretanto, são exatamente o início e o final da narrativa, correspondendo ao mito cosmogônico finlandês e o nascimento do rei da Carélia. A influência de Lönnrot também se faz sentir na exclusão de hibridismos entre a religiosidade cristã e as tradições pagãs, com o objetivo de criar a impressão de que se tratava de uma mitologia

ancestral pertencente a toda a Finlândia, e não como o momento contemporâneo restrito à Carélia.

A questão da autoria foi pouco discutida na época da publicação da *Kalevala*, uma vez que, segundo as teorias herderianas, situar a autoria do poema no próprio povo finlandês era de fundamental importância para fundamentar seu nascente nacionalismo.

Hoje a contribuição de Lönnrot não é vista no mundo literário como um fator de descrédito da epopéia, principalmente nas reescritas internacionais, as quais tendem a enfatizar e discutir quais foram os trechos compostos pelo estudioso e quais foram suas intenções políticas ao editar as canções coletadas.

A questão da ancestralidade do poema, que como vimos é igualmente enfatizada por Ojala na abertura de seu prefácio, também é problematizada por Bizerril, que destaca que,

com exceção de alguns fragmentos mais antigos, as amostras escritas de material épico foram produzidas apenas a partir do século XVIII, sendo que não há muito sentido em se falar de um original no caso de poesia oral transformada em registro, mas apenas do *Kalevala*, obra literária produzida por Lönnrot, da qual este autor criou várias versões, sendo a de 1849 a mais conhecida. (LÖNNROT, 2009, p.21)

Bizerril defende, assim, que a ancestralidade dos poemas orais, seus temas e personagens mais recorrentes, é de pouca relevância para o contexto de registro, composição e publicação da *Kalevala*, já que o tradutor a considera uma obra literária pertencente ao universo escrito e autoral.

Mais uma vez, o desencontro entre prefaciadora e tradutor se dá por conta do contexto Romântico de publicação do poema. Em seus estudos sobre o movimento Romântico e o nascimento do nacionalismo, Eric Hobsbawn cunhou o conceito de tradição inventada, definido pelo historiador da seguinte forma:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (HOBSBAWN, 2002, p. 09)

As tradições inventadas durante o período buscavam criar um sentido de coletividade nacional, gerando noções de naturalidade e ancestralidade ligadas ao conceito novo e artificial de nação.

Assim sendo, conforme análise da *Kalevala* como símbolo nacional, empreendida em nossa dissertação de mestrado, a ideia segundo a qual a epopéia era derivada do registro de canções ancestrais era uma parte determinante para converter a *Kalevala* em uma tradição intentada, transcendendo o contexto literário e atuando também nos círculos artísticos, culturais e políticos.

No longo caminho traçado pelas escritas e reescritas da *Kalevala* é possível ler não somente a epopéia, como também os conceitos e o imaginário nela centrada. As traduções de uma obra de tamanho significado político-cultural, como o caso da reescrita brasileira, não se limitam ao texto poético, e sim os recortes acerca das interpretações e pressuposições que a circundam, trazendo discussões e problematizações fundamentais para a crítica literária, cultural e para estudos de tradução, ainda que involuntariamente.

SUMMARY: Analysis of the paratexts presented in the first Brazilian translation of the Finnish epic *Kalevala*, aiming to problematize the academic and cultural concepts that surround the epic, with emphasis on the notions of authorship and ancestry of the poem.

Key words: *Kalevala*; Translation; Brazilian edition; Romanticism

Referências Bibliográficas:

CASANOVA, Pascale. A República Mundial das Letras. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

GUINSBURG. Romantismo. São Paulo: Perspectiva, 2005.

HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence (org.) A Invenção das Tradições. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

JAKOBSON, Max. Finland: Myth and reality. Helsinque: Otava, 1987.

KLINGE, Matti. Breve História da Finlândia. Brasília, Escopo, s/d.

LÖNNROT, Elias (trad. Bizerril, José e FALEIROS, Álvaro). Kalevala – poema primeiro. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

VALE, Augustin Besave Fernandes Del. El Romaticismo Alemán. Monterrey: Centro de Estudios Humanisticos, 1964.